Eleições 2014

Zé Maria: campanha vai à classe operária

Página 11

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ► NÚMERO 483 ► DE 31 DE JULHO A 12 DE AGOSTO DE 2014 ► ANO 17

R$ 2

PT, PSDB, PSB...

Empreiteiras e banqueiros financiam todos eles!

PSTU não aceita dinheiro dos patrões!

Páginas 8 e 9

Palestina

Chega de genocídio em Gaza! Abaixo o Estado de Israel! Por uma Palestina livre, democrática e laica!

Páginas 14 e 15

Manjar... – Um juiz do Maranhão concedeu uma liminar suspendendo a licitação para a compra de 80 quilos de lagosta fresca, uma tonelada e meia de camarão, 750 quilos de patinhas de caranguejo, duas toneladas de peixe e cinco de carne.

... dos Sarneys – A licitação dos artigos de luxo era para a residência oficial e a casa de praia da governadora do Maranhão, Roseana Sarney. O gasto previsto seria de R$ 2,5 milhões. Segundo o IBGE, dos 50 municípios mais pobres do país, 32 estão no Maranhão.

Lay-off da General Motors

A GM comunicou o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e trabalhadores de que utilizará o sistema de lay-off (suspensão do contrato de trabalho). A medida não se sustenta em qualquer justificativa. Ao contrário das fábricas de Gravataí e São Caetano do Sul, que tiveram queda de produção, a planta de São José dos Campos segue normal. O Sindicato é contrário ao lay-off e defende a estabilidade no emprego e a redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais sem redução de salário como forma de garantir a manutenção dos postos de trabalho. Em 2012, a GM colocou 940 trabalhadores em lay-off, o que resultou em 598 demissões.

Pérola

Nós somos machistas, temos aquela coisa de que homem não chora

DUNGA, técnico da seleção dizendo que a cena choro de jogadores "pega mal" (Veja 26/ 07)

Boicote a Israel

Sessenta e quatro figuras públicas, incluindo sete Prêmios Nobels da Paz, pediram a todos os países do mundo um embargo de armas internacional sobre Israel por seus "crimes de guerra" na Faixa de Gaza. Em uma carta aberta, publicada pelo jornal britânico The Guardian, figuras públicas como Rigoberta Menchú, Adolfo Perez Esquivel, Nobel da Paz de lamentar que Israel desencadeou *"mais uma vez toda a força de seu Exército contra o povo palestino. A capacidade de Israel de lançar este tipo de ataques devastadores com impunidade deriva em grande parte da grande cooperação militar internacional e comércio que tem com os governos cúmplices em todo o mundo"*, diz parte da carta. Também lamentam que países emergentes como "Índia, Brasil e Chile" que, apesar de declarar "apoio aos direitos palestinos" estão aumentando "rapidamente comércio e cooperação militar" com Israel.

Marcados pra morrer I

Julho foi marcado pelo assassinato de lideranças rurais. As vítimas foram camponeses, quilombolas e indígenas que pagam com suas vidas como consequência da política do atual governo de não demarcar terras indígenas, não regularizar territórios quilombolas e não assentar famílias sem terras. Pelo menos seis lideranças foram assassinadas.

Marcados pra morrer II

No Maranhão foi assassinado Zé Enedina, liderança importante na luta pela terra. Seu corpo apresentava lesões de pancadas e facadas. Em Rondônia, ocorreu um duplo assassinato e uma terceira pessoa ficou baleada. Todos eram membros do acampamento da Gleba Garça, próximo a Porto Velho. No Pará, uma liderança foi assassinada. Félix Leite dos Santos era vice-presidente da associação dos ocupantes de uma área de terra pública, conhecida como Divino Pai Eterno, e foi assassinado a tiros. Ainda no Pará foi assassinado o líder quilombola Artêmio Gusmão, o "Alaor", coordenador da comunidade Mancaraduba. Na Bahia, outro líder quilombola, Paulo Sérgio Santos, foi assassinado no acampamento quilombola Nelson Mandela, nas proximidades de uma comunidade Quilombola localizada em Helvécia, interior de Nova Viçosa.

EDITORIAL

Chega de isenção aos patrões! Nenhuma demissão nas montadoras!

Na semana passada, os metalúrgicos da General Motors de São José dos Campos (SP) foram surpreendidos com a proposta da empresa de lay-off. Esta medida é uma suspensão temporária dos contratos de uma parcela dos trabalhadores, com redução dos salários. A General Motors, assim como Volks e Mercedes, se aproveitam novamente do cenário de estagnação da economia para reduzir custos com a mão de obra e continuar assegurando suas margens de lucro nas alturas.

Esta é mais uma armadilha das empresas, pois depois do lay-off sempre vem uma onda de demissões. É por isso que devemos ser contrários ao lay-off e não aceitar a chantagem das empresas, que continuam sendo financiadas pelas isenções de impostos, como foi o acordo de redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) em troca da manutenção dos empregos.

O governo Dilma, entre 2010 e 2014, isentou empresas de impostos, num total de R$15,5 bi. Somente para as montadoras foram R$ 8,3 bi, ou 53,4% do total doado as multinacionais. Com o montante só de 2014, daria para construir três estádios da Copa e o saneamento de 635 municípios. Com este dinheiro são financiadas as demissões dos trabalhadores.

É necessário organizarmos a luta contra qualquer demissão, exigir a estabilidade no emprego, a redução da jornada de trabalho sem redução de salários e, para as empresas que demitirem, a estatização sob o controle dos trabalhadores. Também continuaremos exigindo de Dilma a edição de uma medida provisória que garanta a estabilidade no emprego e evite as demissões. É o mínimo que um governo que já deu tanto dinheiro às empresas deveria fazer.

Tanto o governo federal do PT quanto os governos estaduais do PSDB e PSB sempre isentam as grandes empresas e a corda estoura nas costas dos trabalhadores. Agora, nas eleições, Dilma e a oposição burguesa de Aécio e de Campos vão ficar brigando entre si; mas, depois, ganhe quem ganhar, vão atacar os trabalhadores, pois este é o caminho exigido pelas empresas e pelo imperialismo que, por sinal, sustentam financeiramente estes candidatos.

Os trabalhadores devem ir pra cima dos patrões e exigir reajuste de salários e melhores condições de trabalho, como os rodoviários de Recife que entraram em greve esta semana. Da mesma forma devem lutar contra as demissões.

Precisamos, no Brasil, de um governo dos trabalhadores e sem patrões; que rompa com os bancos, com o agronegócio e as multinacionais.

A candidatura de Zé Maria à presidência e Cláudia Durans, à vice estão a serviço deste projeto e deste programa. Só uma campanha totalmente sustentada e apoiada pelos trabalhadores pode propor isso.

Uma democracia de fachada

Zé Maria de Almeida,
Candidato à presidência pelo PSTU

Um dos aspectos que mais evidencia a ausência de democracia no processo eleitoral diz respeito ao papel da grande imprensa, da TV em particular. Já fui candidato à presidência três vezes (1998, 2002 e 2010) e posso afirmar, sem medo de errar, que, em todas estas eleições, uma parcela considerável dos eleitores foi às urnas sem saber da existência da minha candidatura.

Num país com as dimensões do Brasil, com 200 milhões de habitantes, é impossível o acesso a todos os eleitores a não ser pela TV. Mesmo os grandes partidos, que gastarão fortunas doadas pelos bancos e grandes empresas, sem acesso às redes de TV, que têm imensa importância para que os eleitores se informem e formem opinião.

O tempo de TV destinado pelo Estado aos partidos políticos é dividido desigualmente. A candidata do PT, Dilma Rousseff, terá quase 12 minutos em cada bloco. Eu (e outras candidaturas menores) terei cerca de 45 segundos! Quem definiu esta regra? Os partidos e políticos que já estão no poder, os que controlam o governo federal e o Congresso Nacional. É uma norma estabelecida não com o intuito de assegurar igualdade e democracia. O intuito é assegurar a permanência de quem já está no poder.

Além disso, as próprias redes de TV contribuem para agravar esta situação: mostram, em seus noticiários e em sua programação, apenas algumas candidaturas. Confira o noticiário das TVs e você verá que sempre mostram três candidatos: Dilma Aécio e Eduardo Campos. Não por coincidência, essas candidaturas defendem um modelo econômico para o país que coincide com a opinião dos proprietários das redes de TV.

Somando isso à desigualdade na distribuição de tempo no horário eleitoral oficial, vai se construindo a ideia de que haveria apenas três candidaturas, como se as demais não existissem. De vez em quando, mais alguma aparece em reportagens-relâmpago. As emissoras são concessões públicas, mas usam o seu poder para informar apenas o que lhes interessa e como lhes interessa, fazendo campanha para uma ou algumas candidaturas.

Nos dois casos, na distribuição do tempo oficial para a campanha na TV e na orientação editorial das emissoras, é cometido um abuso não apenas contra os direitos dos partidos e candidatos, que são impedidos de divulgar suas ideias. É um desrespeito também aos eleitores, que têm o direito de conhecer todas as candidaturas e suas propostas. Só assim poderiam, de forma livre, escolher em quem votar.

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia.blogspot.com

CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 3112.0229 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430 psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

SUZANO - (11) 4743.1365

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530

O que está por trás da crise do futebol brasileiro?

Desfigurado. Cada vez mais mercantilizado, esporte sofre com corrupção de dirigentes e empresas

TRISTEZA. Garoto assiste a derrota humilhante para Alemanha

Dirley Santos
Rio de Janeiro (RJ)

A goleada de 7 a 1 sofrida pela seleção brasileira para Alemanha entrou para a história como a maior derrota do futebol brasileiro.

Impactados com esta derrota, milhões de brasileiros procuram uma explicação. Foram as ausências de Neymar e Thiago Silva, a fragilidade emocional dos jogadores, a má fase de Daniel Alves e Fred ou a teimosia de Felipão e Parreira as causas da derrota?

Na verdade, as explicações se encontram na evidente crise que passa o futebol brasileiro. Baixo nível técnico, clubes totalmente endividados, estádios vazios e dirigentes autoritários, ultrapassados e corruptos.

Uma estrutura utilizada em proveito de meia dúzia de dirigentes, na qual os contratos e lucros obtidos (quase sempre através de negociatas) são usufruídos por eles, seus familiares e amigos. São famosos os casos de dirigentes e técnicos, inclusive na seleção brasileira, envolvidos diretamente com a negociação do passe de jogadores.

Corrupção "padrão Fifa"?

Denúncias apontadas no livro "O lado sujo do futebol", dos jornalistas Luiz Carlos Azenha, Amaury Ribeiro Jr., Leandro Cipoloni e Tony Chastine, nos mostram como a CBF e a Fifa se tornaram grandes balcões de negócios. Acordos bilionários são firmados envolvendo grandes emissoras de TV, multinacionais de materiais esportivos e até máfia de venda de ingressos.

João Havelange e Ricardo Teixeira, segundo os autores, desenvolveram um esquema mafioso de fraudes e conchavos. Teixeira, por exemplo, prorrogou todos os grandes contratos antes de renunciar à presidência da CBF, deixando tudo na boa para seus parceiros históricos, como a Globo e Nike.

Privilegiadas com contratos milionários nas obras da Copa, grandes empreiteiras ainda ganharam de presente estádios como Maracanã e Mineirão. Patrimônios públicos privatizados e transformados em "Arenas" para a promoção de shows de rock e grandes eventos. Financiado com dinheiro público, o Itaquerão, por exemplo, na verdade não será administrado pelo Corinthians e sim pela Odebrecht.

Esses são alguns dos "legados" da Copa que serviram somente para atender interesses privados, militarizar os espaços públicos, avançar na especulação imobiliária e até no aumento da inflação.

CHEFÕES. José Marin, presidente da CBF com Joseph Blatter, presidente da Fifa

Para poucos. A elite branca vai aos estádios

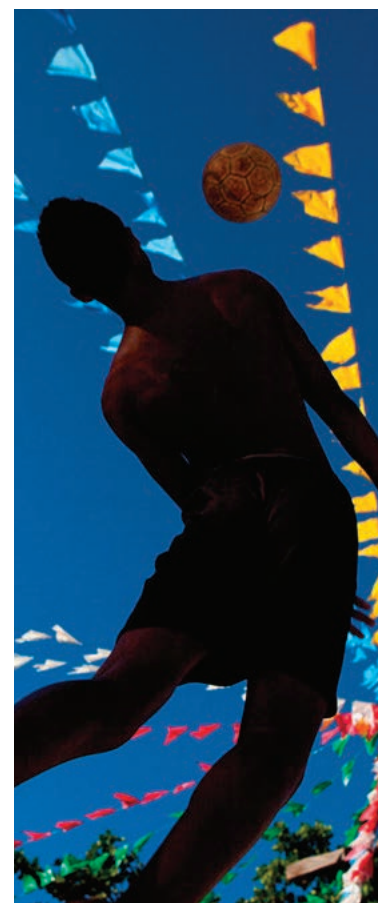
A mercantilização do futebol tem como consequência a elitização do esporte nos estádios de futebol. Na Copa, ficou clara a ausência de torcedores pobres e negros dos estádios de futebol. Não era pra menos. Apenas quem tinha muita grana poderia comprar ingressos caríssimos da Fifa. Esse "embranquecimento" e elitização dos estádios, porém, já era algo visto mesmo antes da Copa. Para o historiador Marcos Alvito, da Universidade Federal Fluminense (UFF), *"os estádios parecem cada vez mais com estúdios de televisão por que só se pensa na transmissão pela tv"*.

Com isso, o futebol vai se distanciando cada vez mais do público, principalmente do povão que não tem como pagar pelos caros ingressos das "Arenas". Cada vez mais o esporte tem sido feito para menos gente.

Resistir. Futebol é do povão!

Sabedores de que esta situação tem se tornado indesejável para a maioria da população brasileira, José Marin e Marco Polo Del Nero (atuais dirigentes da CBF) tentam ganhar tempo reconduzindo Dunga ao posto de técnico da seleção. Uma mudança para manter tudo como está. Recentemente, Dunga foi denunciado como agenciador de jogadores, como até pouco tempo atrás também "era" o novo supervisor Gilmar Rinaldi.

Por outro lado, os principais críticos desta situação, como os jogadores organizados no Bom Senso FC e jornalistas como Juca Kfoury, defendem que a troca de péssimos dirigentes por "gestores profissionais e remunerados" e uma melhor administração comercial dos torneios solucionariam os problemas. O problema não é apenas de "gestão", mas sim da transformação do esporte em mercadoria. Quanto maior for a mercantilização do futebol, maior serão os casos de corrupção e a elitização do esporte. Afinal, a corrupção é parte inerente do capitalismo.

O futebol move paixões e faz parte da vida de milhões de brasileiros. Por isso é preciso lutar sim por mudanças dentro dele. Lutar por um futebol enquanto esporte emancipador para os trabalhadores e para a juventude pobre. Lutar e derrotar a mercantilização e a elitização deste que é o esporte preferido daqueles que realmente entram em campo todo dia e produzem a riqueza deste país.

Copa intensifica criminalização dos movimentos sociais

Lutar não é crime. A "democracia dos ricos" mostra sua face repressiva e coloca na mira movimentos sociais, ativistas e sindicatos.

Américo Astuto
do Illaese

Não é nenhuma novidade o fato da justiça em nosso país livrar corruptos e poderosos da cadeia. Mas, agora, querem transformar a luta dos trabalhadores e da juventude em crime. A prisão de 23 ativistas no Rio de Janeiro foi realizada de maneira absolutamente arbitrária. A chamada "Operação Firewall II", coordenada pela Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (CDRCI), realizou ações que levaram à invasão de casas sem mandado de busca, confisco de livros e de documentos pessoais. O Ministério Público baseou sua denúncia em infiltrações policiais no movimento, monitoramento de ativistas, grampos telefônicos e colaboração premiada, lembrando os inquéritos da época da ditadura. Os ativistas foram acusados de danos, resistência, lesões corporais, posse de artefatos explosivos e corrupção de menores. Alguns foram indiciados por administrar páginas do Facebook.

Manifestantes protestam contra a privatização do pré-Sal, no Rio de Janeiro em 2013.

Advogados de defesa dos ativistas tiveram celulares grampeados, sem qualquer prova de ilegalidade apresentada no inquérito que pudesse justificar a escuta. Uma violação do Estatuto do Advogado (Lei 8.906), que garante o sigilo telefônico relacionado ao exercício da profissão. Segundo o juiz João Batista Damasceno, *"esse projeto [a operação da polícia] tem sido coordenado entre os secretários de segurança sob o guarda-chuva do Ministério da Justiça"*. Isso mostra que há uma aliança entre os governos estaduais e o federal para reprimir o movimento.

Sindicatos na mira

A repressão busca também envolver os sindicatos em um suposto "financiamento dos protestos". Entre as entidades citadas figuram o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), o Sindprev (previdência) e o Sindpetro (petroleiros). Este último, segundo a polícia, teria fornecido dinheiro, transporte, carros de som e alimentação para ativistas participarem de ocupações e manifestações violentas. Em contrapartida, integrantes do sindicato teriam cobrado o recolhimento de assinaturas contra o leilão do Campo de Libra.

Esse tipo de denúncia quer tornar crime qualquer tipo solidariedade entre os trabalhadores e a juventude, especialmente o apoio material a uma determinada luta. Por essa lógica, qualquer apoio de um sindicato a uma luta de outra categoria, ou shows de artistas em prol de uma greve (o que foi muito comum nos anos 1980), seria tratado como crime. Nos protestos contra o leilão de Libra, o que houve foi uma justa solidariedade contra a privatização do pré-sal. Isto sim um crime contra a soberania do Brasil. ■

Rede Globo tem saudades da ditadura

É bem conhecida a colaboração da Rede Globo com a ditadura. Hoje, a Globo continua servindo aos aparatos da repressão contra os movimentos sociais. A emissora teve acesso aos processos antes mesmo dos advogados dos ativistas presos e lançou uma propaganda acusatória e incriminadora dos acusados, manipulando informações e não garantindo nenhum direito de defesa.

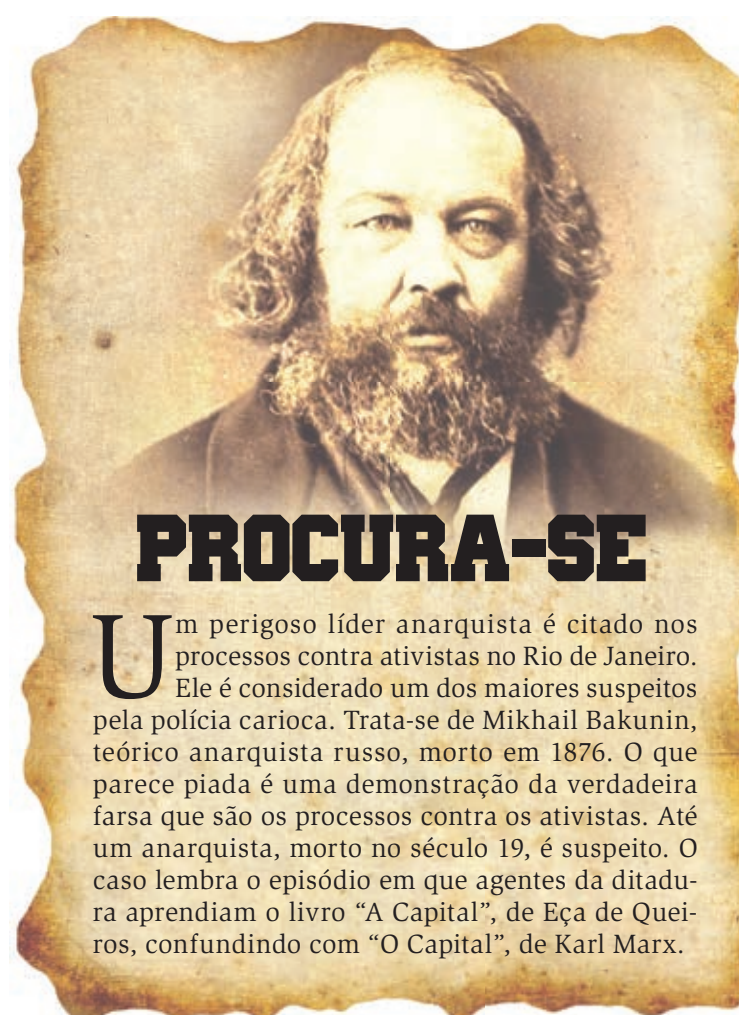
Na prática, agiu de forma coordenada com a polícia na criminalização dos ativistas. Algo que aprendeu a fazer muito bem quando colaborava com os generais da ditadura.

Nas ruas. Protestos contra a criminalização das lutas

Vários atos contra a criminalização dos movimentos estão sendo marcados no Rio de Janeiro, em unidade com sindicatos, entidades como a OAB-RJ, partidos de esquerda como PSTU e PSOL e ativistas de direitos humanos.

"*O Rio vive com mais intensidade esse recrudescimento da criminalização dos movimentos sociais, mas esse é um processo nacional. Em Porto Alegre, nosso companheiro Matheus Gomes teve sua casa invadida, documentos e livros confiscados e é acusado de formação de quadrilha. Em São José dos Campos [SP], o companheiro Renatão foi processado pela mesma juíza que ordenou o massacre do Pinheirinho, por organizar um tradicional bloco de carnaval do sindicato dos metalúrgicos da região*", explicou o presidente do PSTU-RJ, Cyro Garcia.

A escalada repressiva também recaiu sobre a greve dos metroviários de São Paulo. Poucos dias antes da abertura da Copa, o governo de Geraldo Alckmin demitiu 42 trabalhadores. A ação foi um claro golpe contra o direito de greve.

As manifestações vão prosseguir em todo país. É preciso exigir o fim da criminalização dos movimentos sociais, a desmilitarização da Polícia Militar, a punição dos agentes de Estado que reprimem os trabalhadores, o arquivamento de todos os inquéritos contra lutadores sociais e absolvição imediata de todos os processados. É preciso, também, exigir do governo tucano a readmissão imediata dos metroviários de São Paulo.

PROCURA-SE

Um perigoso líder anarquista é citado nos processos contra ativistas no Rio de Janeiro. Ele é considerado um dos maiores suspeitos pela polícia carioca. Trata-se de Mikhail Bakunin, teórico anarquista russo, morto em 1876. O que parece piada é uma demonstração da verdadeira farsa que são os processos contra os ativistas. Até um anarquista, morto no século 19, é suspeito. O caso lembra o episódio em que agentes da ditadura aprendiam o livro "A Capital", de Eça de Queiros, confundindo com "O Capital", de Karl Marx.

Operárias que lutam e sonham

Garra. Da pressão da fábrica e da vida, operárias de fábrica de celulares do Vale do Paraíba tiram forças pra lutar contra a superexploração. Leia a reportagem especial do Opinião.

Silvia Ferraro*
da Redação

"*Meu sonho era trabalhar na fábrica*", conta Vera**, uma jovem operária que trabalha na indústria de eletroeletrônicos na região do Vale do Paraíba, em São Paulo. Vera foi trabalhar na LG, na cidade de Taubaté, com 19 anos. Com três meses de fábrica foi mandada embora porque engravidou. Entrou com processo contra a empresa e só recebeu uma indenização de R$ 3 mil depois que a criança já tinha nascido. *"Deu pra comprar um guarda roupa, um berço e algumas coisas pra minha filha, mas o que eu queria mesmo era o meu emprego de volta"*, diz.

O sonho de adolescente de Vera, era o mesmo de muitas meninas da região que vêm na fábrica uma forma de conseguirem o seu próprio dinheiro, continuarem estudando e "ser alguém na vida". Mas não durou muito.

Antes de ser demitida, a operária gostava do Lula porque conseguiu entrar na fábrica com o projeto do primeiro emprego, mas quando foi demitida por ter engravidado, achou que o governo não olhava tanto para os trabalhadores. *"O governo não me protegeu para que eu tivesse o meu emprego de volta. Ele não faz nada contra as empresas que demitem as mulheres grávidas"*, relata.

A vida ficou mais difícil depois. *"Fui trabalhar em qualquer coisa, ser faxineira de cabeleireiro. Colocava o bebê no cestinho da bicicleta e ia pra outro bairro em um lugar que aceitasem que eu levasse a minha filha, pois não consegui creche. Ganhava R$ 10 por dia"*, diz.

Ritmo. O ramo de eletroeletrônicos e a superexploração

O ramo de eletroeletrônicos, principalmente da fabricação de notebooks, tablets e aparelhos celulares é dominado pelas indústrias asiáticas. A Foxconn, a maior fabricante de eletrônicos do mundo, tem um longo histórico de assédio moral e é alvo de denúncias de uma série de irregularidades trabalhistas. Com uma lista de clientes que inclui Apple, Dell, Amazon e Microsoft, a Foxconn possui 1,1 milhão de empregados na China, espalhados em 13 fábricas.

Em 2010, 18 funcionários da empresa tentaram suicídio pulando das janelas de seus dormitórios – 14 deles morreram. Na China, os trabalhadores moram nos alojamentos, dentro da fábrica, e o regime de trabalho lembra um treinamento militar.

Em uma das fábricas da Foxconn, em Jundiaí (SP), que conta com três mil funcionários, a má condição da alimentação já levou a uma paralisação dos trabalhadores. Também há insatisfação constante com a falta de estrutura e transporte.

No Brasil, empresas sul-coreanas como a Samsung, Hyundai e LG são investigadas pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) por irregularidades como excesso de jornada e assédio moral, tanto em São Paulo quanto em Manaus (AM).

É este mesmo padrão de exploração da indústria chinesa que querem aplicar aqui no Brasil. Empregando nas suas plantas uma maioria de mulheres, a resistência a esse modelo tem sido feita com revoltas e denúncias à justiça do trabalho. E, na maioria das vezes, estas trabalhadoras não contam com sindicatos combativos que incentivem a luta.

O trabalho precário das mulheres

As mulheres são 46,1% dos trabalhadores ocupados no Brasil e, na indústria, representam 36% dos trabalhadores. Nas metalúrgicas, as mulheres são 18,6% dos quase 2,4 milhões operários e se concentram no setor de eletroeletrônicos, onde representam 34,4% do total de trabalhadores e sua remuneração é 36,7% menor em relação aos homens.

No geral, as mulheres que estão no mercado de trabalho recebem 72,3% do que recebem os homens.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho se dá principalmente nos empregos mais precários, que pagam menos e com menos direitos. Nas metalúrgicas também é assim e o setor de eletroeletrônicos tem a menor remuneração média. Não por acaso é o que emprega mais mulheres.

A combinação entre trabalho feminino e trabalho precário é parte da realidade no mundo. No Brasil não é diferente, pois o sistema capitalista se aproveita e incentiva o machismo existente na sociedade para aumentar seus lucros.

Pressão. A grande arma para conseguir as metas

"Na verdade a gente não passa de um número", desabafa a operária Lourdes, 31 anos, mãe de um filho. Há cinco anos trabalha numa fábrica de celulares no Vale do Paraíba e nos conta como é a pressão dentro da fábrica.

"Eles vivem disseminando que a fábrica vai fechar, que todas vão ser demitidas. Se a gente conversa, já passa uma coordenadora dizendo: 'pode conversar, vocês já estão com um pé na rua mesmo'", denuncia.

Cada célula de produção, composta por oito operárias, produz a média de 140 celulares por hora. Mais de mil celulares por dia. O salário bruto é de R$ 1.287,00.

Para manter este ritmo de produção, a fábrica conta com o modelo de metas, no qual a pressão psicológica é a grande aliada.

As operárias ficam sem ir ao banheiro, quando vão é correndo para não diminuir a meta. *"Na célula, quando uma vai ao banheiro a outra colega cobre, mas na esteira, a gente só pode ir quando a coordenadora vem substituir. Esses dias uma das meninas teve que ir embora, pois estava menstruada e não conseguiu ir ao banheiro e se sujou toda. As meninas também estão preferindo usar calça legging, pois é mais rápido pra abaixar"*, explica Lourdes.

A incidência de infecção urinária entre as operárias é muito alta, pois ao terem que "segurar a urina" e beberem pouca água, o risco da doença é maior. Quando adoecem não pegam licença, só fazem trocar a receita entre elas do antibiótico.

Na fábrica, pegar atestado é a mesma coisa do que faltar sem motivo. *"O patrão não quer saber se você tá doente ou se você teve que levar seu filho no médico, o que conta é se você foi trabalhar, se você cumpriu a meta ou não"*, afirma a operária.

A chantagem da demissão é a principal arma da empresa para pressionar as operárias a cumprirem as metas. Mas é só uma chantagem, porque mesmo aquelas que cumprem as metas também são demitidas.

"Pode ter estudo, pode ser boa, pode fazer hora extra todo dia que ela vai ser mandada embora. As meninas novas têm essa ilusão de que vão ficar no trabalho se fizer as metas, mas basta faltar ou errar em alguma coisa que já é demitida", explica a operária.

Algumas operárias são ganhas para serem as "ótimas", para fazerem o serviço delas e o de outras. Mas isto é cruel, pois algumas, hoje, não conseguem nem levantar o braço por causa da tendinite.

A luta não é só na fábrica

O orgulho das mulheres em participar das lutas é combinado com sentimentos de frustação, quando não tem o apoio dos companheiros. O marido de uma delas disse que não queria mais saber de falar de sindicato dentro de casa. Depois de uma greve, as operárias conquistaram uma PLR de R$ 6 mil, o que foi inédito na fábrica. Naturalmente, a operária se sentiu muito vitoriosa, mas não pode compartilhar em casa a vitória que possibilitaria construir o quarto do filho. Um dos maiores sonhos dela seria o marido reconhecer o seu valor, reconhecer que sua luta está mudando a realidade na fábrica e receber o seu apoio. *"A gente fica cansada de lutar na fábrica contra o patrão e quando chega em casa ter que lutar contra o marido também"*, diz.

Para os trabalhadores homens, é difícil aceitar que as mulheres estão tomando a frente das lutas. Mas as lutas contra o patrão realizadas por elas favorecem toda a classe trabalhadora.

O dia em que as operárias disseram não!

Há seis anos a operária Vera trabalha na mesma fábrica que Lourdes. Mas o sonho de Vera, que antes era apenas trabalhar na fábrica, agora mudou e junto com Lourdes e outras companheiras passaram a lutar contra o assédio, contra as péssimas condições de trabalho e conheceram a força da organização das operárias.

"Nossa primeira greve foi de dentro pra fora, foi um dia muito especial, nunca vamos esquecer", nos disse, com emoção, a descoberta de que parando a produção poderiam ter conquistas.

"O dono tinha feito um acordo que ia parar de demitir se nós concordássemos em fazer as horas extras. Nós topamos, mas aí começaram de novo as demissões. As meninas vinham pra gente contar que tinham sido demitidas sem motivo. Nós resolvemos parar tudo. Ligamos pro companheiro do sindicato, ele disse `pode parar`, e foi assim que a nossa luta começou", explica.

Depois de terem participado de várias greves, Vera e Lourdes, hoje cipeiras, sonham em conquistar melhores condições de trabalho. *"Essa é a esperança da gente mudar nossa condição lá na fábrica"*, explica Lourdes.

Elas também vivenciaram uma experiência diferente quando o sindicato chamou pra participar do congresso da CSP-Conlutas. *"Fomos pra ficar só um dia. Mas pedimos pra buscar nossas malas e nossos filhos e ficamos o congresso inteiro. Foi uma das melhores coisas que a gente já fez. Deu pra ver o que é luta de verdade"*, explica.

** Com a colaboração de Eraldo Strumiello, Patrícia Pena e Rosângela Calzavara.*

*** Os verdadeiros nomes foram substituídos.*

Escândalo: patrões têm as eleiç

Da Redação

Um grande empresário liga para um político importante e pede um favor pessoal. Do outro lado da linha, o seu pedido é prontamente atendido. O empresário agradece, desliga o telefone e comenta: "*Tudo resolvido! Afinal, a gente financia as campanhas eleitorais pra isso*".

A cena aqui é de um diálogo do personagem Carlos Braga, interpretado por Tony Ramos na novela "O Rebu", exibida pela TV Globo. Mas poderia ser a descrição de uma cena bem real que ilustra como funciona a democracia dos ricos. Afinal, em 2010 foram grandes empresas que bancaram 95% do custo das campanhas eleitorais. Apenas 4,9% das doações vieram de pessoas físicas.

Neste mesmo ano, 320 deputados federais eleitos (62% do total) foram financiadas por apenas 5% das empresas "doadoras". Entre elas estão as empreiteiras Camargo Corrêa, OAS, Andrade Gutierrez, Siderúrgica Gerdau; os bancos Bradesco, BMG, Itaú/Unibanco, Santander; além de empresas como o JBS/Friboi, Ambev, Votorantim Comércio de Energia.

Para as empresas, o financiamento de campanha é tratado como um "investimento". Após as eleições, bancos e empresas cobram a fatura por meio de contratos com os governos. Além disso, se tornam donos de bancadas inteiras dentro do Congresso Nacional.

Todos conhecem o ditado: "quem paga banda, escolhe a música". Nas eleições não é diferente. Quem financia as candidaturas é quem, passada a campanha, vai definir a política. Empreiteiras e grandes empresas abrem seus cofres aos principais partidos e candidatos e sabem que não estão jogando dinheiro fora. Neste ano não será diferente. Após outubro, esse investimento dará retorno aos seus lucros. ■

Estimativa de gastos

Os três candidatos que vão gastar mais.

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

R$150 milhões

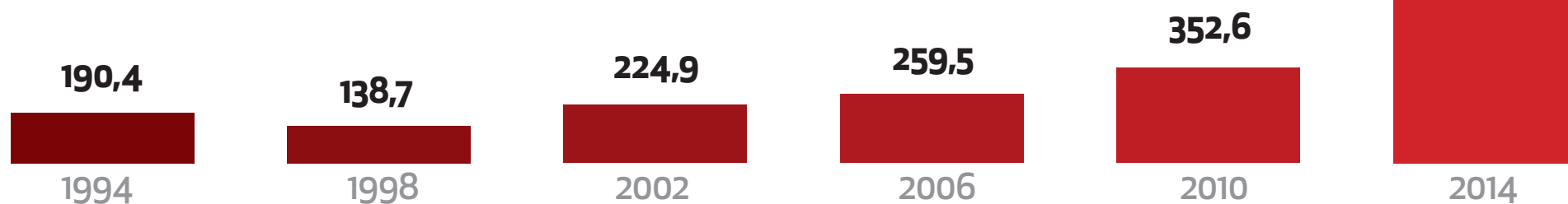
R$290 milhões

R$298 milhões

Custos de campanha presidenciais crescem 382%

Em vinte anos, gastos com campanhas cresceram quase quatro vezes. Em milhões de reais.

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

1994	1998	2002	2006	2010	2014
190,4	138,7	224,9	259,5	352,6	916

Dilma e Aécio vão gastar R$ 600 milhões

Nas eleições deste ano, só a disputa pela presidência da República vai custar R$ 1 bilhão, segundo as estimativas de gastos registradas pelos candidatos na Justiça Eleitoral. Essa montanha de dinheiro é superior a todos os gastos da eleição de 2006. Na época todos os candidatos do país (deputados, senadores, governadores e candidatos à presidência) gastaram R$ 824 milhões, segundo a Justiça Eleitoral.

Em 2014, o PT de Dilma Roussef espera gastar R$ 298 milhões no que deve ser a campanha mais cara este ano. O valor é quase o dobro dos R$ 157 milhões declarados em 2010.

Já o candidato Aécio Neves (PSDB) não fica muito atrás e espera gastar R$ 290 milhões. Há quatro anos, os tucanos declararam o valor de R$ 180 milhões para a então candidatura de José Serra à presidência. A candidatura de Eduardo Campos (PSB) também será milionária, estimada em R$ 150 milhões.

Como nas eleições anteriores, o que vai mover essas campanhas é o dinheiro dos banqueiros e grandes empresários.

Gasto com campanhas

Os gastos totais com campanhas eleitorais (todos os cargos) somaram

Fonte: Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE)

R$800 milhões

Em 2002

R$4,9 bilhões

Em 2010

ões no bolso

MAIORES FINANCIADORAS de campanhas em 2012

1º Construtora Andrade Gutierrez R$ 81,1 milhões

2º Construtora Queiroz Galvão R$ 52,1 millhões

3º Construtora OAS R$ 44 milhões

4º Construtora Camargo Corrêa R$ 33 milhões

5º Vale Fertilizantes R$ 30,5 milhões

E. V. Teixeira

6º E. V. Teireira R$ 28,5 milhões

7º Banco BMG R$ 24 milhões

Praiamar Indústria e Comércio

8º Praiamar Indústria e Comércio R$ 22,4 milhões

9º JBS Foods R$ 20 milhões

ODEBRECHT

10º Construtora Norberto Odebrecht R$ 19,5 milhões

Fonte: Política Aberta

QUANTO CUSTA ELEGER UM PARLAMENTAR?

R$1,1 mi para eleger um deputado federal

R$4,5 mi para eleger um senador

R$23,1 mi para eleger um governador

Fonte: Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE)

Empreiteiras são as maiores doadoras

Em 2013, 75% das doações ao PT vieram de construtoras.

Nas eleições municipais de 2012, as empreiteiras foram as maiores doadoras para campanhas de prefeitos e vereadores em todo o país. O PT nacional ficou com R$ 38,9 milhões destes grandes doadores. E só o diretório mineiro do PSDB, do presidenciável Aécio Neves, recebeu R$ 29,4 milhões.

A líder do ranking é a Construtora Andrade Gutierrez que despejou mais de R$ 23 milhões para 14 partidos. Os maiores beneficiados foram o PMDB e o PSDB, que receberam mais da metade dos recursos da empreiteira.

A segunda colocada no ranking de financiadores foi a OAS que bancou, com R$ 1 milhão, a campanha de Fernando Haddad, candidato à Prefeitura de São Paulo, pelo PT. Mas a empreiteira também doou R$ 750 mil ao tucano José Serra (PSDB), adversário de Haddad, nas eleições.

Todas essas empreiteiras têm contratos com o governo federal e os governos do PSDB (e foram as grandes construtoras de estádios da Copa). Além disso, o governo federal também incentiva o negócio dessas empresas através do BNDES. Entre 2004 e 2013, o banco realizou 1665 empréstimos para as quatro maiores construtoras do país (Odebrecht, OAS, Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez), totalizando mais de R$ 1,7 bilhão em empréstimos. As maiores beneficiadas foram a Odebrecht e a Andrade Gutierrez que levaram R$ 1,1 bilhão, segundo o banco. Não por acaso o PT recebeu R$ 60 milhões das empreiteiras em 2013, o que representou 75% de todas as doações do partido.

O compromisso com as empreiteiras é tão forte que, mesmo após deixar a presidência, Lula continua fortalecendo as construtoras dentro e fora do país. O ex-presidente realiza viagens com executivos da Odebrecht.

PSTU não aceita dinheiro de banqueiros e empresários

Em 1989, a candidatura presidencial de Lula mostrava o PT arrecadando dinheiro na porta de fábricas no ABC paulista. *"Eu só não dou mais porque eu não posso"*, dizia um operário depositando seu dinheiro em uma sacola vermelha. *"Vou ajudar a campanha do companheiro Lula porque o companheiro não pode pedir dinheiro aos empresários, tem que pedir pra nós trabalhadores"*, explicava outro com muito orgulho.

Mas isso ficou no passado. Hoje, o PT depende do dinheiro dos grandes empresários pra bancar seus candidatos. E, por isso, passaram defender os interesses dos patrões ao invés de apoiar a luta de classes.

A campanha de Zé Maria e Claudia Durans defende a independência de classe e a luta dos trabalhadores. Nosso partido é independente, não aceita financiamento dos patrões e se sustenta unicamente com as contribuições dos trabalhadores. Nossos parlamentares não recebem salários milionários. Recebem o salário médio de um trabalhador especializado, pois privilégios e salários milionários são fontes de corrupção.

É necessário acabar com essa mamata das empreiteiras e bancos e desmascarar a democracia dos ricos. O financiamento público de campanha é um passo importante, mas precisamos discutir a verdadeira democracia que defendemos, a democracia operária, onde quem realmente manda são os trabalhadores através de conselhos populares e através de mandatos revogáveis de todos eleitos. Nosso partido é assim!

Me engana que eu voto!

O PT e PSDB querem iludir mais uma vez os trabalhadores. Todos vão dizer que vão "mudar o Brasil", enquanto preparam, às escondidas, medidas antipopulares após as eleições devido à crise capitalista, financiados pelos patrões.

O sistema eleitoral é a base da corrupção dos políticos. Esta é uma democracia dos ricos onde a eleição é um "jogo de cartas marcadas" financiado pelas empreiteiras e bancos para manter os mesmos partidos e políticos no poder. A grande maioria do povo só tem acesso às campanhas milionárias e é induzido aescolher o menos pior. E desta forma os partidos dominantes vão se revezando no poder e mantendo a mesma política econômica que favorece os capitalistas, arrocha os salários, retira direitos dos trabalhadores e reprime nossas lutas.

Qual é a opção do PSOL?

Ao não aceitar o dinheiro dos patrões, qualquer organização da classe trabalhadora consegue manter um programa político independente dos empresários e banqueiros. Quando se aceita o financiamento da burguesia, o programa e objetivos dessa organização também mudam. O maior exemplo disso foi o caminho tomado pelo PT.

Em seu último congresso, o PSOL aprovou não receber dinheiro de empreiteiras e multinacionais nessa campanha, mas deixou o caminho aberto às doações de empresas. Isso, infelizmente, já aconteceu com este partido quando a siderúrgica Gerdau doou dinheiro para a campanha de Luciana Genro à prefeitura de Porto Alegre, em 2008, ou à candidatura de Clécio à prefeitura de Macapá, em 2012.

Já vimos esse filme com o PT. O PSOL vai optar em seguir pelo mesmo caminho?

A disputa das eleições numa perspectiva revolucionária

Zé Maria
Candidato à presidência

Mesmo depois de passados meses do impasse que inviabilizou a constituição de uma Frente de Esquerda que envolvesse PSTU e PSOL em nível nacional, este debate vez ou outra reaparece. O debate surgiu na esteira da crise que viveu o PSOL e da troca de sua candidatura à presidência da república, com a saída do senador Randolfe Rodrigues e a entrada da ex-deputada Luciana Genro.

Luciana Genro deu a entender que, ainda que fosse certo o PSTU não aceitar ser vice de Randolfe, não haveria razão para não aceitar ser vice na chapa encabeçada por ela. A companheira Luciana e muitos militantes do PSOL parecem partir do pressuposto de que quando ela, representando um setor à esquerda dentro do partido, assume a candidatura à presidência deixam de existir as diferenças de programa com o PSTU. Eu respeito muito a companheira Luciana, mas tenho uma opinião muito diferente sobre essa questão.

Por que participar das eleições?

O PSTU participa das eleições não por acreditar que por esta via vamos mudar o país e garantir vida digna para os trabalhadores. Como sabemos, as eleições em nosso país são completamente controladas pelo poder econômico. Participamos delas porque consideramos importante disputar politicamente a consciência dos trabalhadores e da juventude apresentando uma alternativa operária e socialista, que seja um contraponto aos a direita tradicional e ao PT e seus aliados.

Nosso objetivo fundamental aí é ganhar o maior número possível de trabalhadores e jovens para a luta em defesa deste projeto operário e socialista.

Programa

E que projeto é este? O programa que o PSTU vai apresentar nas eleições parte de responder às demandas das manifestações de rua de junho passado e das centenas de greves que sacodem o país.

Este programa, portanto, precisa atacar o domínio que os bancos, as grandes empresas e as multinacionais têm sobre o nosso país. Vamos defender a suspensão do pagamento da dívida externa e interna, a estatização dos bancos e do sistema financeiro; o fim das privatizações e a re-estatização das empresas privatizadas; anular os leilões das reservas do Pré-Sal e as privatizações feitas na área do petróleo e da Petrobras; estatizar todo o setor de transportes; nacionalizar as terras que estão sob controle do Agronegócio e do latifúndio e colocá-las a serviço da produção de alimentos para a população; atacar os privilégios e o lucro das grandes empresas para reduzir a jornada de trabalho e ampliar os direitos dos trabalhadores, e estatizar todas as empresas que promoverem demissões; acabar com a repressão policial aos trabalhadores e jovens e com a criminalização das lutas e da pobreza, desmilitarizar a PM e assegurar o controle da polícia pela comunidade; atacar fortemente toda forma de discriminação e opressão, o machismo, o racismo e a homofobia; atender demandas democráticas históricas das mulheres como a legalização do aborto, e da juventude, como a legalização da maconha e descriminalização das drogas; livrar o país da corrupção, colocando na cadeia e confiscando os bens de corruptos e corruptores.

> Para nós – e acreditamos que também para toda a militância socialista que defende, de fato, uma revolução socialista no Brasil – é preciso aproveitar a disputa eleitoral em curso para ganhar a classe trabalhadora e fortalecer a luta por uma revolução no país.

Superar o capitalismo

Este programa não se limita à defesa da radicalização da democracia. É um programa anticapitalista, que aponta para a superação deste sistema.

Nas discussões que tivemos com a direção do PSOL, os companheiros nos esclareceram que o seu partido defendia um programa que apontasse para a radicalização da democracia, evitando a defesa de medidas mais radicais que poderia não dialogar com o nível de consciência médio da população, pois isso dificultaria a disputa dos votos.

Este debate, sobre a necessidade de rebaixar programa para ganhar votos, nós já vivemos na história recente da esquerda brasileira. Foi dentro do PT, no início da sua existência. Sabemos como terminou esta história e não queremos repeti-la.

Independência de classe

O senador Randolfe retirou sua candidatura à presidência para impulsionar, no Amapá, uma frente eleitoral com o PSB e o PT, num completo abandono do critério da independência de classe! Randolfe é uma das principais expressões política da direção do PSOL. Contudo, não se sabe de qualquer decisão do partido contrária ao que foi feito lá.

O PSTU tem outro projeto. Para nós – e acreditamos que também para toda a militância socialista que defende, de fato, uma revolução socialista no Brasil – é preciso aproveitar a disputa eleitoral em curso para ganhar a classe trabalhadora e fortalecer a luta por uma revolução no país. Rebaixar nosso programa, deixar de dizer com clareza para os trabalhadores as mudanças que precisamos fazer, abrir mão da independência de classe, ainda que nos leve a ganhar mais votos, vai nos distanciar cada vez mais deste objetivo. Essa é a diferença e, como se vê, não se trata simplesmente de quem é vice de quem.

Zé Maria: campanha vai à classe operária

Campanha. Brasil para os trabalhadores se faz nas lutas e nas fábricas

J. Figueira
de São Paulo (SP)

Expressando o caráter de sua candidatura e a escolha em priorizar os setores mais explorados e oprimidos da classe trabalhadora, Zé Maria iniciou sua campanha na Feira de Alcântara, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio e um dos maiores bairros populares da América Latina. Foi lá que o candidato do PSTU à presidência esteve na largada oficial da campanha eleitoral, no dia 6 de julho.

No mesmo dia, Zé Maria esteve no Complexo da Maré, região que concentra diversas comunidades e que, hoje, se encontra ocupada pelas Forças Armadas. Lá, ele conversou com moradores e apoiadores sobre a necessidade da construção de uma alternativa operária e socialista para mudar o país.

Já Cláudia Durans, candidata à vice-presidente, dedicou seu primeiro dia de campanha para conversar com os moradores do Bairro da Liberdade, bairro em que nasceu e que sua família mora, região quilombola de São Luís no Maranhão. Nos demais estados, o PSTU iniciou a campanha de Zé Maria e das candidaturas estaduais também junto à classe operária, nas feiras e bairros populares.

Essas atividades deram a largada na campanha que vai se concentrar junto aos setores mais explorados e oprimidos da classe operária, pois só os trabalhadores podem, através de suas forças e mobilização, mudar o país. Isso só será possível a partir de um governo dos trabalhadores, sem patrões, que rompa com a política econômica que beneficia banqueiros, empreiteiras e multinacionais.

Nos canteiros de obras de Fortaleza

No dia 16 de julho, o PSTU realizou um dia nacional de campanha. Zé Maria visitou canteiros de obras da construção civil em Fortaleza, cujos operários recém encerraram uma vitoriosa greve. Nesta oportunidade, Zé Maria apresentou os motivos de sua candidatura. *"A escolha de fazer nossa campanha ao lado dos operários já diz quais são nossos objetivos nessas eleições. Somos nós quem fazemos o país funcionar. Nós podemos e devemos governar o país"*, defendeu.

À noite, o candidato falou com trabalhadores e a juventude cearense na sede do Sindicato da Construção Civil de Fortaleza: *"Precisamos de um governo da nossa classe, que rompa com as empreiteiras e com os patrões para fazer, nesse país, as transformações que nós trabalhadores precisamos para as nossas vidas"*, defendeu o candidato do PSTU, sendo aplaudido pelo auditório ao som da palavra de ordem: *"eu tô com Zé na luta e na eleição, trabalhador não vota em patrão"*.

Em Minas Gerais, com os metalúrgicos

A história do PSTU em Minas Gerais se confunde com a da Federação Sindical Democrática dos Trabalhadores Metalúrgicos do estado. A entidade nasceu depois das grandes greves da década de 1980, especialmente a ocupação da Mannesmann e da Belgo. Zé Maria foi fundador e um dos principais dirigentes desse processo e da Federação.

No dia 25 de julho, Zé Maria participou do 14º Congresso da Federação e, à noite, marcou presença na cerimônia de comemoração dos 25 anos de muitas lutas da entidade, quando saudou os presentes: "A entidade surgiu como necessidade de unificar as lutas dos operários de Minas contra a patronal e na recusa da federação dirigida pelos pelegos de dar espaço para os sindicatos de base. Nesses 25 anos, ela não só ajudou, com muita luta, a ter vitórias concretas para os metalúrgicos de todo o estado, como também foi um ponto de apoio para a fundação da CSP Conlutas".

Mas, como diz o compositor mineiro, *"se muito vale o já feito, mais vale o que será"*. As recentes greves dos trabalhadores de empresas que estavam há 10, 15 e até 20 anos sem mobilização, como a IMBEL, a Gerdau, a Votorantim e a Belgo, são exemplos de que a classe está voltando a lutar. É junto com estas lutas que o PSTU constrói a campanha dos seus candidatos.

Nas fábricas em São Paulo

Em São Paulo, a campanha de Zé Maria se faz nas portas das fábricas. Seja na Zona Sul ou na Zona Oeste da capital paulista a receptividade é grande para as propostas de mudança para o país. Também pudera, é grande a insatisfação e o arrocho e exploração a que estão submetidos os trabalhadores. É preciso mudar tudo isso que esta aí. No ABC, a campanha vai, agora, reforçar a luta contra o lay-off e as demissões.

No último dia 26, foi realizado o ato de lançamento das candidaturas do PSTU no Vale do Paraíba (SP), momento em que Zé Maria defendeu mudanças profundas na sociedade para colocar a riqueza produzida no país a serviço das necessidades dos trabalhadores e do povo pobre. *"Para isso, é preciso atacar os lucros e os privilégios dos poderosos"*, defende o candidato do PSTU à presidência da República.

MULHER NEGRA: a raiz da liberdade

25 de julho. Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha

Cláudia Durans
candidata à vice Presidência

No dia 25 de julho, comemorou-se o Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha. A data foi criada em 1992 para dar visibilidade aos problemas daquelas que, além de enfrentar o machismo, carregam o peso de uma história marcada pelo tráfico negreiro, por estupros e castigos nas senzalas e casas grandes.

Mas, também, somos herdeiras de Acotirene, primeira dirigente de Palmares, e de Dandara, que liderou o exército quilombola. Corre em nossas veias o sangue rebelde de Luisa Mahin, que comandou a Revolta dos Malês. Pertencemos ao exército de Sanite Bélair, que pegou em armas na Revolução Haitiana, e fazemos coro com a poeta venezuelana Victoria Santa Cruz em seus versos contra estereótipos e preconceitos.

As mais oprimidas e exploradas

A combinação do machismo com o racismo, a herança maldita da escravidão e a atual exploração capitalista marcam profundamente nossas vidas. Hoje, somos 53,7% dos trabalhadores da América Latina e do Caribe. Contudo, em nenhum país, o salário de uma negra chega à metade do de um homem branco. No Brasil, em 2009, os valores eram R$ 544,40 contra R$ 1491.

Somos 40% das desempregadas e a enorme maioria das que estão no trabalho terceirizado e sem carteira assinada. No Brasil, somos 69% das que ganham até um salário mínimo, resquício da época da escravidão; 70% das mulheres que trabalham nos serviços domésticos são negras.

Uma luta pela vida

Jogadas às margens da sociedade, são as negras que vivem sob as piores condições de moradia, as que mais sofrem com o sufoco e o assédio sexual nos transportes públicos, e as que têm menos acesso à educação e à saúde. A mortalidade materna entre as negras é 65% maior do que entre as brancas. Parte disso tem a ver com abortos mal feitos, um fato desconhecido pelas mulheres brancas da elite, para as quais o aborto é "legalizado" em clínicas particulares seguras.

Quando optamos pela maternidade, a chance de uma negra ver seu filho morrer antes do primeiro ano de idade é 66% maior. Se sobreviver, quando jovem, ele terá uma probabilidade 153,4% maior de ser assassinado do que um branco.

Cláudia Durans, no dia 25 de julho, falando à população no metrô Capão Redondo, na zona Sul (SP)

Por isso, somos as mulheres do Amarildo, as mães do DG, as irmãs, amigas e companheiras de Jean, Douglas, DaLeste e de cada um dos negros que são vitimados pelo genocídio praticado pelos órgãos do Estado, particularmente pela Polícia Militar, ou por milicianos. Um extermínio que, este ano, provocou uma cena horripilante: a auxiliar de limpeza Cláudia Silva Ferreira sendo arrastada como um saco de lixo por um camburão da PM carioca.

Hoje, essa luta pela vida talvez não tenha exemplo mais dramático do que na primeira República Negra das Américas, o Haiti. No país, ocupado desde 2004 por tropas brasileiras comandadas por Dilma e seus aliados imperialistas, 80% das mulheres estão desempregadas. Em 20% das famílias, há uma mulher que sofreu violência sexual. Em 2010, oito em cada dez meninas se prostituíram com soldados em troca de comida.

Orgulho. Temos raça e pertencemos a uma classe

Hoje, três países da região são governados por mulheres. Contudo, Dilma (Brasil), Cristina Kirchner (Argentina) e Michelle Bachelet (Chile) não nos representam. Não por serem brancas, mas porque elas governam para os que nos oprimem e nos exploram, os mesmos homens brancos donos de latifúndios, bancos e grandes empresas.

No Brasil, Dilma pouco ou nada fez por nós. A alardeada Lei Maria da Penha não chega à maioria das mulheres trabalhadoras, particularmente às negras. Delegacias da Mulher só existem nos centros de algumas poucas cidades, não funcionam 24 horas, nem nos fins de semana. Não há casas-abrigo onde possamos nos refugiar.

Mulheres negras são 61% das vítimas de assassinatos machistas. Em função do estereótipo de "carne mais barata do mercado", o número de jovens negras estupradas é três vezes maior do que entre as brancas.

Nossa luta é quilombola

No dia 25 de julho, a campanha do PSTU esteve a serviço da luta das mulheres negras. Foram feitas panfletagens em estações de ônibus, trens e metrôs. O partido esteve nas portas de fábricas em que a maioria dos trabalhadores eram mulheres e negras. Os militantes percorreram bairros das periferias, fizeram rodas de conversas com a juventude e abriram as sedes para debater o combate ao racismo, ao machismo e à exploração capitalista.

Em cada atividade, estavam não só as mulheres negras, mas os demais oprimidos, como mulheres brancas, LGBTs, homens negros trabalhadores e jovens, que se juntaram à luta pela construção de uma sociedade em que racismo, machismo e homofobia não mais existam nem sejam utilizados para superexplorar e oprimir.

O CAVALEIRO DO SERTÃO

Ariano Suassuna. O teatro brasileiro perdeu um de seus maiores nomes. Mas o escritor deixou viva a cultura popular do sertão nordestino e a luta contra a submissão cultural.

João Paulo da Silva
de Natal (RN)

Ariano Suassuna morria de medo de avião. Não tinha quem fizesse o homem voar. Só viajava de carro e nunca saiu do Brasil. Ele brincava sempre com essa história, sobre o receio de tirar os pés do chão. *"Sempre me vem com estatísticas, tentando provar que viajar de carro é mais perigoso, que as estradas são cheias de buracos. E eu respondo: 'Pior é no avião, que o buraco acompanha a gente o tempo inteiro.'"*, disse certa vez o escritor, poeta e dramaturgo.

No dia 25 de julho, um derrame tirou de nós um dos maiores nomes da cultura brasileira e nordestina, aos 87 anos. Logo ele, que dizia que a *"literatura é uma forma de protestar contra a morte"*.

A "Caetana", que era como o Ariano chamava a morte, o levou em julho, juntamente com outros grandes escritores como João Ubaldo Ribeiro e Rubem Alves. Grandes perdas para a nossa literatura. Entretanto, é como diz o sertanejo Chicó, personagem de "O Auto da Compadecida", uma das mais famosas obras do Suassuna: *"Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre."*.

História. Vida e obra sertaneja

Ariano veio ao mundo no dia 16 de junho de 1927, na cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa. Pouco tempo depois, seu pai foi assassinado por questões políticas envolvendo a chamada "revolução" de 1930.

A família acabou se mudando para Taperoá, no sertão da Paraíba. Lá, Ariano Suassuna viveu até 1937, começou os estudos e conheceu de perto a vida do sertanejo. O garoto recebeu a biblioteca do pai como herança e teve contato com clássicos da nossa literatura. "Os Sertões", de Euclides da Cunha, foi uma grande inspiração. Ainda em Taperoá, assistiu pela primeira vez a uma peça de mamulengos e a um desafio de viola. Essas vivências populares marcariam para sempre suas obras no teatro.

Cinco anos depois, Ariano foi morar no Recife e abraçou a cidade onde viveu até o fim da vida. Na capital pernambucana, continuou os estudos e se formou em Direito, em 1950. Trabalhou como advogado durante alguns anos e foi professor de Estética na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mas nunca abandonou a paixão pelo teatro e pela cultura popular brasileira. Sua vida era retratar o sertão e o Nordeste. A missão de Ariano era buscar uma identidade cultural sertaneja e nordestina e lutou até o fim por isso, na literatura e na dramaturgia. Acreditava que a arte não é uma mercadoria e, sim, uma vocação.

Produção artística

Em 1947, escreveu sua primeira peça, "Uma Mulher Vestida de Sol", e durante os anos de 1950 vieram muitas outras, como "O Castigo da Soberba" (1953), "O Rico Avarento" (1954), "O Santo e a Porca" (1958) e "A Pena e a Lei" (1959), premiada dez anos depois no Festival Latino-Americano de Teatro. Mas foi com "O Auto da Compadecida" (1955) que Suassuna se espalhou pelo Brasil. A obra foi levada para a TV e o cinema e popularizou o escritor paraibano. As aventuras engraçadíssimas do esperto João Grilo e do covarde, mas puro de coração, Chicó caíram no gosto do povo. Era o retrato da luta do pobre pela sobrevivência, numa terra seca, contra as tiranias da vida.

Ariano foi um dos maiores dramaturgos brasileiros e fundou, com Hermilo Borba Filho, o Teatro Popular do Nordeste, em 1959. Escreveu dezesseis peças, mas também se dedicou ao romance de ficção e à poesia, com destaque para o "Romance d'A Pedra do Reino" e o "Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta" (1971), a "História d'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão / Ao Sol da Onça Caetana" (1976) e "O pasto incendiado" (1970).

Uma arte independente

O "Cavaleiro do Sertão", como era chamado Ariano, buscava uma arte nacional independente e criou um mundo mágico para o sertanejo do Nordeste. Em sua panela de barro cultural, Ariano misturou diversas referências da literatura e do teatro. A dramaturgia do espanhol Calderón de la Barca e do português Gil Vicente. As tradições teatrais do inglês Shakespeare e do francês Molière. Os causos e costumes do sertão nordestino, o cordel, os folguedos populares e o teatro medieval. Foi do brilho dessas pedras preciosas que Suassuna tirou uma arte tão particular.

Ariano também foi o criador do Movimento Armorial, que juntava o erudito com o popular, nas mais diversas expressões artísticas. O escritor defendia que o culto poderia ser popular e o popular poderia ser culto. Lutava com unhas e dentes pela preservação da cultura brasileira diante da "americanização" da arte. *"Não troco o meu 'oxente' pelo 'ok' de ninguém!"*, gostava de dizer. Não era exatamente um preconceito contra o que vem de fora, mas uma valorização firme daquilo que é da terra. Na verdade, Ariano não queria era a submissão cultural, principalmente vinda dos EUA.

Sua arte era um retrato de si mesmo. Suas "aulas-espetáculo", seu circo, sua alegria de palhaço, sua crítica social, sua paisagem matuta de interior. As contradições de suas escolhas políticas, como fazer parte do governo de Eduardo Campos, por exemplo, não diminui em nada o valor do seu teatro. Suassuna deixa por aqui Dona Zélia, sua esposa por mais de 50 anos, seis filhos e a certeza de que foi um cavaleiro honrado na luta em defesa da cultura do Nordeste. João Grilo bem que poderia tocar sua gaita mágica e quem sabe "invivecer" Ariano de novo.

Israel promove um genocídio na Faixa de Gaza

Diego Cruz
da Redação

Mais de 1.050 palestinos já foram mortos pelo exército de Israel desde que o país iniciou sua ofensiva militar contra a Faixa de Gaza, no último dia 8. Esses números, porém, crescem a cada dia e em pouco tempo já estarão desatualizados. Não tem outra palavra para definir o que Israel promove em Gaza: trata-se de um genocídio contra a população palestina.

"Gaza é um cemitério", lamentou um morador do território à imprensa durante uma trégua de 12 horas concedida pelo Estado sionista no último dia 27, domingo. Se em tempos de paz, se é que se pode usar esse termo em se tratando daquela região, a Faixa de Gaza é um campo de concentração a céu aberto, com um severo e desumano bloqueio, agora se transformou num abatedouro em que os soldados investem contra civis, mulheres e crianças que não podem se defender.

Israel, por sua vez, responde ao profundo desgaste que sofre na opinião pública mundial acusando o Hamas de utilizar crianças como escudos humanos. A verdade, porém, é que, numa região estreita no qual 1,8 milhão de pessoas se espremem em 360 km², toda a população se transforma num alvo potencial. Escolas, hospitais, campos de refugiados são sistematicamente atacados pelas forças de Israel.

No último dia 24, uma escola primária de Gaza utilizada como refúgio pela ONU foi atacada pelo exército sionista, matando 16 crianças. Erro de cálculo ou acidente? Foi a quarta escola da ONU alvo da artilharia israelense. Nesse dia 28, um campo de refugiados de Al-Shatti foi atingido por um míssel que matou nove crianças. Testemunhas afirmam que o míssel foi lançado a partir de um drone israelense. Já um vídeo amplamente compartilhado pelas redes sociais choca pela frieza e crueldade com que um franco atirador de Israel abate um civil palestino que procurava a família em meio aos destroços do que havia sido sua casa.

Razões do ataque

Apesar de o governo israelense afirmar que o ataque tem por objetivo destruir os túneis do Hamas, a verdade é bem outra. O massacre não tem nada que ver com a segurança de Tel Aviv. Trata-se de uma tentariva de barrar a proposta de dois estados (um palestino, outro israelense), defendida pelos EUA. Neste ponto, Israel e EUA têm uma divergência tática, já que o Estado sionista, governado pela ultradireita, não tem interesse na conformação de um Estado palestino, ainda que extremamente limitado e cercado pelas forças de Israel.

O avanço das negociações, porém, ganhou impulso com o acordo realizado entre o Fatah (que dirige a Autoridade Nacional Palestina e governa a Cisjordânia) e o Hamas (que governa Gaza), em abril último. Apesar de o Hamas ser identificado como a facção mais "radical" dos palestinos em detrimento do conciliador Fatah, não aceitando a existência de Israel, o acordo firmado em abril último aponta no sentido da política dos dois estados, uma capitulação frente à reivindicação histórica dos palestinos.

Assim, embora a conciliação abra a possibilidade de um governo único palestino, ela se dá na base de uma capitulação frente à política do imperialismo para a região.

Cronologia. Entenda o histórico do conflito

NOVEMBRO DE 1947
É fundado o Estado de Israel, no qual 56% da Palestina histórica foi incorporada pelo estado sionista. Aproximadamente 250 mil palestinos foram expulsos de suas casas, obrigados a migrar para Gaza.

1949
Encerra-se a primeira guerra entre os estados árabes e Israel, e a Faixa de Gaza passa a ser administrada pelo Egito.

OUTUBRO DE 1956
Em aliança com a Inglaterra e França, Israel invade o Egito e ocupa a Faixa de Gaza. Dezenas de guerrilheiros palestinos são executados a sangue frio pelo exército sionista. No dia 3 de novembro, soldados israelenses, apos uma operação de "procura de armas", executam por volta de 300 civis no sul de Gaza, no massacre de Kahan Younis.

JUNHO DE 1967
Israel ocupa Gaza novamente e expulsa o exército egípcio. Israel controla a Faixa, direta ou indiretamente, desde então. A partir de 1967, Israel inicia um fracassado processo de ocupação de Gaza com colonos judeus, que é derrotado pela resistência palestina.

1971
Ariel Sharon, então comandante militar da região, destrói a casa de 13 mil palestinos.

DEZEMBRO DE 1987
Início da primeira Intifada, um levante popular palestino contra a ocupação de Israel. O levante é derrotado no inicio dos anos 90.

SETEMBRO DE 1993
Para tentar conter os constantes problemas políticos com os palestinos, Israel assina os Acordos de Oslo, que levam à primeira retirada parcial de soldados israelenses da Faixa. Os Acordos de Oslo também passam aos palestinos, que colaborem com Israel, a administração direta da cidade.

Relação. Dilma, rompa as relações diplomáticas com Israel!

É preciso romper as relações com o Estado genocida de Israel e anular todos os acordos comerciais e bélicos.

No último dia 23, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil divulgou uma nota criticando Israel pelos ataques. A nota afirmava que o "conflito" era "inaceitável". O governo convocou o embaixador brasileiro em Israel para "consultas", o que, em linguagem diplomática, demonstra desaprovação em relação a determinado país. O Brasil também votou a favor de investigações sobre "supostos crimes de guerra na Faixa de Gaza" no Conselho de Direitos Humanos da ONU.

No entanto, apesar do Itamaraty insistir em reconhecer o direito de "Israel se defender", e responsabilizar o Hamas pelos ataques, a resposta do governo israelense foi severa. Yigal Palmor, do Ministério das Relações Exteriores de Israel declarou que o Brasil, que era " um anão diplomático". Yigal Palmor foi mais ainda mais longe e, no auge de sua arrogância, disse que "desproporcional" havia sido a goleada de 7 a 1 que o Brasil levou da seleção da Alemanha na Copa, mostrando como Israel trata com ironia e deboche o massacre que promove na Palestina.

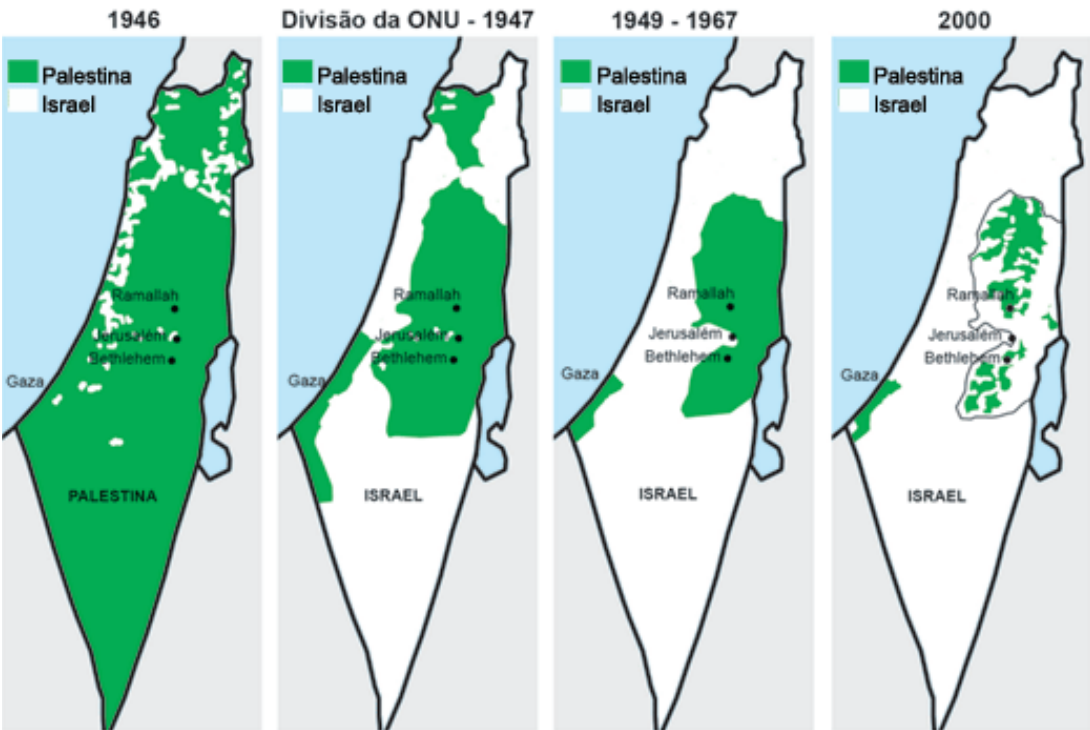
É inadmissível que, diante do genocídio promovido pelo Estado de Israel, o Brasil continue mantendo relações diplomáticas com esse país. Pior ainda, o Brasil ainda mantém acordos comerciais como o Tratado de Livre Comércio Israel-Mercosul e acordos de cooperação para tecnologia bélica e de defesa e segurança, como o que mantém desde 2010. Uma grande empresa de armamento israelense, por exemplo, a Elbit Systems, tem contrato com as Forças Armadas brasileiras. Para a Copa do Mundo, o Brasil adquiriu um drone (veículo aéreo não tripulado) israelense por nada menos que R$ 18 milhões. Recursos que financiam a matança de crianças palestinas. E armas que, aqui, são usadas para reprimir os movimentos sociais e promover o genocídio de jovens negros, como o Caveirão, no Rio de Janeiro.

É preciso exigir do governo brasileiro a ruptura imediata das relações diplomáticas e comerciais com Israel, e a anulação de todos os contratos de defesa e segurança com este Estado genocida.

Programa. Por uma Palestina livre, laica e democrática!

A solução de dois Estados (um Palestino e outro Judeu) foi uma tragédia para o povo palestino. Essa proposta legítima o roubo imposto por Israel e significou a diminuição dos territórios palestinos (ver mapa) e na miséria que assola sua população.

A necessidade de reafirmar o programa de uma Palestina Livre, Laica e Democrática, onde convivam lado judeus e árabes. Isso significa destruir o Estado de Israel, ou seja, suas instituições (exército, justiça, parlamento, leis racistas, etc.). Essa luta é anticapitalista e antiimperialista, pois Israel funciona como uma verdadeira base militar dos EUA na região. Sem isso não é possível a paz no Oriente Médio.

1946 a 2000. Perda de terras palestinas

SETEMBRO DE 2000
Inicia-se a Segunda Intifada, em Gaza e na Cisjordânia, contra a capitulação da direção palestina (o Fatah) aos Acordos de Oslo.

MAIO E OUTUBRO DE 2004
Israel faz dois bombardeios aéreos contra Gaza. Na primeira, 50 palestinos são mortos. Na segunda 130.

SETEMBRO DE 2005 -
Tropas israelenses se retiram de Gaza, mas continuam controlando as fronteiras e o espaço aéreo.

JANEIRO DE 2006
Nas primeiras eleições democráticas de Gaza, contra a colaboracionismo do Fatah, os palestinos elegem o Hamas. Em resposta, Israel anuncia o início de seu cerco a Gaza. Em novembro, Israel inicia bombardeios contra a Faixa, matando mais de 400 palestinos.

DEZEMBRO DE 2008 A JANEIRO DE 2009
Israel realiza sua primeira grande ofensiva militar contra Gaza. Mais de 1.400 palestinos são mortos.

OUTUBRO DE 2012
Um ano após a revolução egípcia, Israel bombardeia novamente Gaza e mata mais de 150 palestinos. Por conta da revolução, milhares de túneis entre a fronteira que separa Gaza do Egito passam a funcionar, o que alivia o bloqueio total a Gaza.

Belém

Campanha de Cleber Rabelo vai aos canteiros de obra

Will Mota
de Belém

A disputa eleitoral começa a tomar as ruas do Pará. Para enfrentar a batalha contra os partidos que sempre governaram o estado, o PSTU construiu uma Frente de Esquerda, com o PSOL, e está apresentando candidaturas operárias e socialistas para disputar o voto e a consciência dos trabalhadores.

"Não pode ser que aqueles que governam para os empresários sejam nossas únicas alternativas nessas eleições. Se os patrões podem, por que nós não podemos ter candidatos que defendam o interesse da nossa classe?", defende Cleber Rabelo, atual vereador de Belém e candidato a deputado federal (1616).

Cleber é operário da construção civil e uma das principais lideranças políticas dos trabalhadores do Pará. Foi eleito vereador de Belém, em 2012, e seu mandato é a voz das lutas do povo.

Com uma atuação destacada pela oposição ao prefeito Zenaldo Coutinho (PSDB) e ao governo de Simão Jatene (PSDB), Cleber apresentou, na Câmara Municipal, o projeto que reduz os salários e os privilégios dos políticos. Além disso, apresentou o projeto do passe-livre para estudantes e desempregados; aprovou a lei que reserva 15% das vagas de trabalho nos projetos habitacionais da Prefeitura de Belém para as mulheres operárias e ajudou a libertar cinco operários injustamente presos e perseguidos por terem lutado por seus direitos em Belo Monte.

Assim como as lutas que trava no dia-a-dia, a disputa para a Câmara dos Deputados se dá centralmente na classe operária. Já foram várias passagens nos canteiros de obra. Em cada uma delas, o apoio dos trabalhadores ao projeto político do PSTU se fortalece. Já foram realizados mais de 600 cadastros de apoiadores. São trabalhadores, pais e mães de família que se propõem a fazer campanha, doar seu tempo e dinheiro para fazer com que as revoltas das ruas e das greves ecoem também nas urnas. *"Não temos vergonha de pedir o apoio e o voto dos trabalhadores. Pelo contrário. Nosso partido e nossas candidaturas vêm dos canteiros de obra e se constroem na luta e no dia-a-dia de nossa classe"*, afirma Cleber.

Apesar de não acreditar que as eleições possam mudar a vida dos trabalhadores, Cleber acredita que nesta disputa é preciso ter ousadia e coragem para romper com o grande Capital e construir um programa voltado para as necessidades do povo paraense, como a reforma agrária, a reestatização da Celpa (companhia elétrica) e da Vale e mais investimentos nas áreas sociais.

Minas Gerais

Vanessa começa a campanha junto com trabalhadores

Matheus Costa
de Belo Horizonte

Com o slogan *"Nosso sonho se faz na rua, os trabalhadores podem mudar Minas"*, a Frente de Esquerda Socialista formada entre PSTU, PSOL, Brigadas Populares e PCR já está na rua.

O PSTU lançou a professora Vanessa Portugal como candidata a deputada estadual (16123). A campanha começou com uma caminhada no Barreiro, bairro da periferia de Belo Horizonte onde se localizam a siderúrgica Vallourec (antiga Mannesmann) e a escola em que Vanessa dá aula há mais de 20 anos.

O candidato a governador é Fidelis Alcantra, do PSOL, publicitário e ativista das lutas sociais, que tem como vice a professora Victoria Mello (PSTU) de Juiz de Fora, aguerrida lutadora em defesa da educação pública. O candidato ao Senado pela Frente é o metalúrgico Geraldo Batata (PSTU). Há também vários candidatos operários como o Valério Vieira (deputado federal/1616), trabalhador da Vale, e Jordano Carvalho (deputado federal/1600), metalúrgico e dirigente sindical.

Seminário de Programa

O Seminário de Programa reuniu nos dias 5 e 6 de julho mais de cem ativistas e debateu questões concretas de Minas como a situação das cidades mineradoras, o descaso do governo estadual com os trabalhadores em educação, a situação do campo com o avanço do agronegócio no Triangulo Mineiro e a privatização da CEMIG (estatal de energia).

É preciso fazer um contraponto à velha direita que governa Minas há décadas e ao governo do PT, que em nível nacional não faz diferente. Junto com representantes da Auditoria Cidadã, foi debatido a necessidade de deixar de pagar a dívida pública para atender os direitos sociais. Um dos desafios será trazer ao debate eleitoral a reestatização da Vale e da CSN.

Campanha da Vanessa está nas ruas

No último dia 25, Vanessa esteve presente no ato dos 25 anos da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais. No dia 27, a campanha reuniu mais de 120 apoiadores da campanha numa feijoada de inauguração do Comitê do Barreiro. Com samba e muita animação, os apoiadores levaram para casa seus materiais e contribuíram para garantir a independência financeira da nossa campanha.